

está nascendo um novo ser humano, mulher e homem, mais equilibrado e mais capacitado para compreender e enfrentar os desafios da grande transformação que, como tudo indica, já se iniciou. Ele é a primeira pessoa a se perguntar o que significa essa desordem e a se preocupar em encontrar respostas e soluções.

Segundo Weil (2003), *mutante* é um nome que surgiu nas décadas de 1960 e 1970 na França e designava toda uma geração de pessoas insatisfeitas com o estado de coisas e que manifestavam uma nova visão do mundo, de acordo com a física quântica e com a perspectiva dos místicos. Mais tarde, no Brasil, um conjunto musical de *rock* adotou o mesmo nome. Acredita que, provavelmente, o nome *mutante* foi escolhido por terem-no relacionado com o fenômeno que, em genética, se denomina mutação de genes. *O Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, inscreve-se nessa perspectiva. Sua publicação, em inglês, data daquela época, assim como *A Conspiração Aquariana*, de Marilyn Ferguson.

No que se refere às características do relacionamento interpessoal que estabeleceram, vemos nas pessoas da Associação verdadeiros *mutantes*, pois conseguiram criar critérios de convivência com grande eficiência prática, que se baseiam na “humanidade” de cada um – o que inclui as qualidades e os defeitos, logicamente –, e que partem do pressuposto de que o sucesso de um leva ao sucesso de todos. Como é raro encontrarmos isso na sociedade que aí está! Basta considerar o espaço escolar, por exemplo, para nos fartarmos de casos envolvendo ciúme, inveja, a tão disseminada fofoca, a dificuldade de trabalhar em grupo, de compartilhar idéias e ações, de se abrir ao outro sem ter medo de ser “explorado”.

Para Pierre Weil (2003), a pessoa que não se encontra neste estágio de *mutante*, ou seja, que continua vivendo a neurose de nosso tempo sem sequer questioná-la, é considerada um *estagnante*. Lembramos, aqui, o *normótico* de Roberto Crema, que, com certeza, possui o mesmo significado. O autor termina sua obra lembrando a grande missão da educação, para a qual convidamos a Educação Ambiental a ser a precursora no ambiente escolar: transformar o *estagnante* em *mutante*, o que representa tirar os *estagnantes* adultos da sua letargia e acordar os bilhões de entorpecidos que constituem a grande maioria do mundo atual, tanto no Oriente como do Ocidente.

Portanto, educar ambientalmente a criança e o adolescente de amanhã, consiste em evitar que esses educandos adormeçam e contribuam para aumentar o peso morto que constituem as legiões formadas por muitos de seus pais, hoje. Para isso, precisamos de uma metodologia educacional que atribua ao sistema educacional público

características igualmente mutantes. Escolas que não aceitem, ou que pelo menos questionem, as velhas metodologias, as velhas condutas, o caminho dito “normal” num mundo tão desastrosamente estruturado e que criou um modelo de ensino formal que leva à sua auto-reprodução. Escolas, enfim, que questionem, que apresentem novas idéias, que sejam criativas e saibam fazer diferente.

Buscar sinais dessa *mutação* nos agricultores familiares da Associação Nova Esperança, foi o desafio que nos conduziu até eles. Ao encontrá-los, fomos capturados por eles e, agora, começamos a experimentar sentimentos estranhos. Será que também estamos nos transformando em mutantes?

O mutante procura lugares silenciosos, gosta de ficar e, eventualmente, morar junto à natureza. Seu círculo de amizades é formado por outros mutantes, com os quais compartilha suas experiências e leituras. Poderá ter também amigos estagnantes, em geral do tempo anterior ao início de sua mutação. Ele costuma fazer disso uma oportunidade de cultivar a tolerância, a equanimidade e o amor. Às vezes, seu exemplo desperta ao estagnante a vontade de mudar e evoluir. (WEIL, 2003, p. 117).

É! Acho que estamos mesmo no caminho da mutação. Então, que venha com toda a sua potencialidade e que contagie quem conosco compartilha a existência!

4.3.2- A saúde como dimensão da plenitude

Outro saber que acreditamos ser possível adquirir, ou ampliar, no contato com os agricultores familiares e/ou com sua visão de mundo, é a saúde que, mais do que a ausência de doenças, representa, considerando a discussão estabelecida a respeito, na nova cosmovisão que se nos apresenta mais clara a cada dia, a plenitude de estar caminhando *na* natureza na condição de *ser* natureza. A teoria de Gaia, aliada à teoria da complexidade e à Ecologia Profunda, frutos contemporâneos da Física Quântica, não deixam dúvida que somos seres formados pela interface de várias dimensões e que, por isso, não podemos mais reduzir nossa “saúde” exclusivamente ao bem-estar físico, visto de forma isolada. Devemos almejar muito mais do que isso. Plenitude deve ser nossa meta e, nela, a saúde passa a ser vista como um bem-estar que abrange todas as nossas dimensões.

A teoria de Gaia em especial, ao afirmar que a Terra é um organismo dotado da capacidade de se manter saudável e tem compromisso com todas as formas de vida, e não necessariamente apenas com a do homem, leva-nos a repensar nossa posição na estrutura biótica do planeta Terra e, assim, rever nosso conceito de saúde, bem-estar e felicidade, o qual deve estar afinado com a existência de todas as outras formas de vida. A teoria de Gaia nos coloca diante de uma grande responsabilidade: cuidar de nós e da comunidade em nosso entorno, enfim, cuidar de Gaia.

Viver é mais do que estar vivo. Uma frase simples que, quando analisada, apresenta uma enorme profundidade. Quando nos limitamos ao conceito de saúde voltado apenas ao corpo material, corremos o risco de cair no reducionismo de considerar suficiente estarmos vivos, mas, ao contrário, quando nos vemos merecedores do sentimento de plenitude, a busca se amplia e procuramos nos ver como seres multidimensionais.

Fomos buscar na teoria do doutor Edward Bach, criador dos Florais de Bach, fundamentos para a idéia da saúde como parte de um estado muito mais amplo de bem-estar, a que chamamos de plenitude. A obra consultada traz uma seleção de escritos deixados pelo médico inglês, que datam de 1930 a 1936, ano de sua morte.

Para ele, o que conhecemos como doença é o estágio terminal de uma desordem muito mais profunda e, para assegurar o sucesso completo do tratamento, é óbvio que ao se lidar apenas com o resultado final, o mesmo não será completamente eficaz, a menos que a causa básica também seja eliminada. Há uma falta fundamental que o homem pode cometer; agir contra a Unidade. O autor acredita que as doenças fundamentais do homem são defeitos tais com orgulho, crueldade, ódio, ignorância, instabilidade e ambição, e que apenas a Lei Divina do Amor e da Unidade pode se contrapor a eles, ou seja, se considerarmos cada um destes defeitos, veremos que são contrários à Unidade.

Ao nascer, cada um de nós é atirado na vida como flechas a um alvo: a felicidade e a plenitude. Uma vez que começamos nossa caminhada, muitas vezes somos retirados dessa direção pelas pessoas com quem convivemos, pais, professores, líderes religiosos, etc. os quais, pela forma como nos apresentam o mundo, impedem que se cumpram os mandamentos do Eu Superior em nós, e, assim, começamos a adoecer. Depois de dedicar grande parte de sua obra aos deveres da paternidade e da grande missão legada aos pais na condução dos passos do filho rumo à plenitude, afirmando, em síntese, que “qualquer desejo de controle ou de moldar a jovem vida, é

uma forma terrível de ambição e deve ser abortada desde o início” (BACH, 1931 apud VENÂNCIO, 1991, p. 77), Edward Bach faz referência aos professores, com sábias palavras. Acompanhemos:

o professor deve ter em mente que seu ofício consiste simplesmente em dar ao jovem orientação e oportunidade de aprender as coisas do mundo e da vida, de modo que cada criança possa absorver o conhecimento à sua própria maneira e, se lhe for dada liberdade, instintivamente escolher aquilo que for necessário ao sucesso de sua vida. Portanto, novamente, não se deve dar nada além de carinho e orientação, de modo a tornar o estudante capaz de obter o conhecimento de que necessita. (BACH, 1931 apud VENÂNCIO, 1991, p. 77).

O texto do qual retiramos este fragmento foi escrito em 1931 e, pensamos, é revolucionário se considerarmos o contexto da época, e, por que não, também o de hoje. Bach sintetiza as teorias mais avançadas em educação e psicologia e vê nesta lógica a base do caminho que pode levar um ser humano à plenitude e, conseqüentemente, à saúde integral. Bela obra, cuja leitura recomendamos! Finalizamos com mais um trecho dos escritos do doutor Bach, também escrito em 1931, e que, como outros, nos seduz e encanta:

a verdadeira paz da Alma e da mente está conosco quando estamos progredindo espiritualmente e não pode ser obtida unicamente pelo acúmulo de riqueza. Mas os tempos estão mudando e são muitas as indicações de que esta civilização está começando a passar da era do puro materialismo para a da vontade de obter as realidades e verdades do universo. O interesse geral que vem aumentando rapidamente, hoje, pelo conhecimento das verdades metafísicas, o número crescente daqueles que estão buscando informações sobre métodos de cura pela fé e através de meios espirituais, a busca dos antigos ensinamentos e da sabedoria oriental. (...) Assim, o processo da cura também terá que ser visto com os olhos deste novo tempo, mudando os métodos, passando daqueles de um materialismo grosseiro para aqueles de uma ciência baseada na Verdade e governada pelas mesmas Leis Divinas que regem as nossas verdadeiras naturezas. A cura passará do domínio dos médicos físicos de tratamento do corpo físico para aquele da cura espiritual e mental, que, ao trazer harmonia entre Alma e a mente, eliminará a verdadeira causa básica da doença, permitindo, então, que os meios físicos sejam utilizados, se necessários, para completar a cura do corpo. (BACH, 1931 apud VENÂNCIO, 1991, p. 84).

Devemos tratar, também, do tema saúde aliado ao ambiente. Talvez na época em que viveu Edward Bach, os índices de poluição não fossem tão altos na atmosfera terrestre, como hoje. Por isso, precisamos avançar e ampliar suas idéias que são perfeitas se estivermos em contato com a natureza ou em algum lugar que seja considerado ideal em termos de equilíbrio ambiental. Mas, a realidade mudou, e sua

alternativa terapêutica, ainda válida, precisa somar a busca por um ambiente o mais saudável possível.

Todos temos percebido que, além das catástrofes naturais e dos intemperismos, nosso planeta tem sofrido profundas alterações causadas pela ação humana, e estas alterações influenciam decisivamente o nível de bem-estar das pessoas. A poluição, o desmatamento, a falta de destinação correta para o lixo, o tráfico de animais silvestres, a água contaminada, os esgotos a céu aberto, dentre outras, são ações que, em curto, médio ou longo prazo, podem causar danos à saúde.

Um dos trabalhos que realizamos junto à Associação Nova Esperança no sentido de colaborar com as famílias, foi com relação ao lixo gerado. Sugerimos algumas medidas de higiene familiar, principalmente em relação ao esgoto das casas e, por nosso intermédio, atualmente a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, recolhe, quinzenalmente, o lixo seco, que, por meio das Associações de Catadores de Material Reciclável de Araguari, vai para as indústrias de reciclagem.



FIGURA 14: Implantação da coleta seletiva na Associação Nova Esperança
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Achamos oportuno citar que Araguari é um dos municípios mineiros cuja política de gerenciamento de resíduos sólidos é uma das mais reconhecidas pelo Governo Estadual. A coleta seletiva foi implantada no ano de 2001 e tivemos a oportunidade de coordenar o trabalho, ao lado de outros colegas, Candice Fillipack Mansano Baldoni, que coordenou o trabalho de organização dos catadores visando a criação de uma associação, e Antônio José Maia Guimarães, Secretário de Meio Ambiente, que se dedicou a montar projetos para concorrer à verba específica, junto ao

Governo Federal, para a construção do Aterro Sanitário. Juntas, estas três frentes de ação representaram as bases desta política que vem se mostrando eficiente desde então. Esta trajetória foi relatada em nosso artigo *A implantação da coleta seletiva de lixo em escolas do município de Araguari (MG): equívocos e perspectivas*, publicado na revista Sociedade e Natureza do Instituto de Geografia da UFU, Ano 17, n.º 33, p. 131 – 142.

A pesquisa que ora realizamos nos levou a encontrar verdadeiros “tesouros escondidos” em nosso município. Pessoas especiais, que além de acreditarem nos novos tempos que, tomara, serão construídos por meio de seus valores, já se encontram em ação. Os mutantes de Pierre Weil. Araguari está cheia deles! O mundo, com certeza! Foi o caso do casal Cláudio Rangel Barbosa e Vera Lúcia Petech Barbosa, agricultores familiares da região do distrito de Amanhece, que trabalham com plantas medicinais e bioenergética.



FIGURA 15: Cláudio e Vera
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Por que e como o uso das plantas medicinais deixou de fazer parte de nossa cultura local? Esta pergunta, se utilizada como problemática de pesquisa, poderia levar à construção de uma bela tese ou dissertação. Sem a intenção de aprofundar este tema, consideramos importante incluí-lo em nossa tese, já que, neste momento, estamos tratando do tema saúde na perspectiva de visões diferentes da convencional, ou seja, aquelas presentes, normalmente, nos saberes tradicionais.

Por isso, empenhamo-nos em conhecer a experiência realizada por este casal de colonos que moram em uma fazenda de café, no município de Araguari. Cláudio

Rangel Barbosa e Vera Lúcia Petech Barbosa trabalham o dia todo, ele no café e ela em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, e, ao fim do dia, recebem pessoas para consultas e/ou retornos de consultas. O programa do qual fazem parte, teve início no sul do país, depois de ter sido trazido da Noruega por um padre cujo nome não se lembram, e tem sido disseminado por meio de cursos, dos quais o casal participa regularmente. O trabalho consiste em estabelecer o diagnóstico da doença por meio da bioenergética, e o tratamento é indicado por meio de plantas medicinais.

Segundo Nogueira (2005), o Brasil é o país com a maior diversidade de plantas medicinais do mundo. Infelizmente, aqui se investe pouquíssimo nesta pesquisa. Inúmeros países mantêm pesquisadores na Amazônia e em outras regiões brasileiras. Muitas vezes pirateiam nossas plantas e nós ainda compramos esses medicamentos a preços exorbitantes. A autora, que é farmacêutica, bioquímica, supervisora técnica do projeto Farmácia Verde, em Ipatinga/MG, afirma que as plantas, quando bem utilizadas, realmente curam. Dependendo do problema, as plantas podem servir de auxílio ao tratamento, que, muitas vezes, exige outras condutas como mudança no hábito alimentar, cortar vícios, fazer exercícios físicos, cultivar as boas coisas e os bons momentos da vida, viver em grupo, por exemplo.

O casal Barbosa mantém, na propriedade onde mora, uma horta com plantas medicinais das mais variadas espécies, sem falar nas espécies do Cerrado que coletam diretamente da vegetação nativa presente na propriedade. Todas são doadas para o tratamento que indicam às pessoas, depois do diagnóstico feito por meio de uma técnica chamada Bioenergética. Cláudio explica que:

o trabalho mexe com a energia da pessoa. O corpo de todas as pessoas possui pontos de energia, negativos e positivos. A região da primeira costela, por exemplo, tem um ponto negativo. Para se realizar o trabalho *é necessário* duas pessoas, para formar o ponto positivo. Tudo o que nós *sabe* foi estudado nos livros. Quando a pessoa vem consultar, ela coloca o dedo na figura que mostra a doença e eu falo se ela tem ou não. Como? Se a abertura dos meus dedos for facilmente realizada, a pessoa não tem a doença. Agora, se eles não *abrir*, a pessoa tem a doença e o tratamento é feito com ervas naturais de acordo com a doença que foi detectada.



FIGURA 16: Vera em sua horta de plantas medicinais
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Cláudio Barbosa nos diz que, como o corpo é um Todo, ele nunca trata de uma doença isoladamente, mas procura reunir todas as manifestações do corpo da pessoa para indicar ervas que abranjam esse Todo. “É diferente da medicina atual que trata somente de uma doença por vez, sem olhar as outras coisas que a pessoa tem e ligar tudo”, explica Vera Barbosa. Além disso, conforme o que o corpo “fala”, eles sugerem mudanças de comportamento que, se promovidas, ajudarão no tratamento. “Já aconteceu da gente pedir pra pessoa procurar um psicólogo”, diz Vera Barbosa.

Quando perguntei como abraçaram esta causa, admirada de ver sua disposição para atender as pessoas depois de um dia de trabalho cansativo, eles responderam que gostam de ajudar as pessoas menos favorecidas, que não têm como pagar consultas caras e comprar remédios. Eles resolveram aprender sobre bioenergética porque Vera tinha um irmão muito doente e a medicina convencional não conseguia, por meio dos medicamentos alopáticos, resolver o problema. Então, se dedicaram a conhecer a bioenergética aliada às plantas medicinais como forma de ajudar este parente, o que, posteriormente, se ampliou.

Cláudio e Vera Barbosa são dois apaixonados pelo que fazem, é o que demonstram em suas falas, expressões e na maneira como se preparam para esperar as pessoas que os procuram. Apesar da labuta do dia, tomam banho e colocam as melhores roupas das poucas que têm, jantam e vão atendendo um por um como se fosse

único. Tivemos oportunidade de assistir a várias consultas e em todas elas eles se entregavam completamente, ouvindo com atenção e carinho o que as pessoas tinham a dizer.

Cláudio nos explicou que o trabalho que fazem não tem nenhum caráter espiritual e pudemos perceber que realmente em nenhum momento isto se revelou. Porém, sempre ao despedir das pessoas que atenderam, são extremamente atenciosos e envolventes, deixando claro que “elas não estão sozinhas”, que aquele problema vai passar “se Deus quiser”, e que podem procurá-los a qualquer hora, se for preciso. Por fim, um “vai com Deus” cheio de significado e sentido, diferente de muitos que repetem estas palavras num gesto mecânico.

Pelo fato de, em determinadas épocas do ano, ficarem extremamente cansados pelo trabalho no café, já pensaram várias vezes em deixar de atender às consultas, mas não conseguem devido ao grande número de pessoas que os procuram quase que diariamente. Além disso, eles acreditam que as plantas medicinais ainda vão ter muito espaço na sociedade, acreditam no trabalho que realizam e são, na medida do possível, propagadores desta atividade. Lembram que, antigamente, as pessoas usavam as plantas como remédio e muitos males eram curados por elas. Porém, “fomos atropelados por essa idéia de medicina que só pensa em dinheiro, e as plantas foram deixadas de lado”, diz Cláudio, mas acredita que essa onda um dia vai passar. Cláudio lembra que muitos “remédios de farmácia” são fabricados com plantas ou “imitando as plantas”. Quanto à medicina moderna, acreditam que, para alguns momentos, ela é importante, mas não deve ser considerada o único caminho para a saúde, como se faz hoje em dia.

Provocamos uma conversa sobre outras pessoas da família que, antes deles, também gostavam desse tipo de atividade.

Meu dom vem de família. Minha mãe e minhas tias *era* parteiras, outros curandeiros e raizeiros. Acredito que meus filhos seguirão o nosso caminho. Aqui em casa remédio de farmácia só entra em casos muito graves em que realmente é necessário o uso. Isso é muito raro. Criei meus filhos, quando crianças, só com ervas. Espero que no futuro as pessoas possam usar mais as plantas medicinais. (VERA).

Cláudio e Vera Barbosa continuam seu trabalho e, às vezes, nos falamos por telefone. Participaram do encontro que promovemos na Associação em fevereiro de 2006 e que será melhor explicitado no capítulo 5. No encontro, conversaram muito com alguns membros da Associação que também conhecem as plantas medicinais,

especialmente *Seu* Tenório, considerado o “curandeiro” da comunidade. Ele indica as plantas, benze e até lê a mão das pessoas. Uma figura!

4.3.3- “Conhecemos a natureza pelas mãos e pelos olhos, não pelos livros”

Procuramos, neste item do trabalho, conhecer melhor o significado daquele lugar na vida dos agricultores familiares da Associação Nova Esperança, com o objetivo de aprender com eles os saberes adquiridos no contato com a terra, nas histórias de vida que se confundem com a história das plantas, dos bichos, da terra, dos córregos, riachos, rêgos d’água, do céu, da chuva e do vento, do sol que queima a pele e os fazem parecer mais velhos. Histórias que se confundem, agora, com outras histórias, e que parecem entrelaçadas para sempre.

Eu gostava mais daqui quando não tinha televisão. A gente encontrava todos os dias no final da tarde pra conversar, ouvir o Sr. Tenório contar casos e piadas, fazer os desafios dele e tocar moda de viola. Foi só a televisão chegar, cada um se fechou em suas casas e a gente saiu do mundo da verdade e começou a viver o mundo da mentira, o mundo da ilusão. (SHEILA)

Quando não tinha energia, e escola funcionava todo dia com lampião; tinha mais união, a televisão tomou o lugar dos encontros do final do dia, da união, né? Às vezes ou acho que as pessoas vão progredindo por um lado e perdendo a humildade e o interesse de ficar juntas por outro. Sei não. (ZÉ BRINCO)

Antigamente, a carne que o pai comprava na cidade, de vez em quando, vinha enrolada em um papel cor de rosa, e esse papel era usado pra acender o fogo do fogão a lenha. A gente não jogava no lixo ou outro lugar. Nem sei se era por consciência, mas as coisas se *encaixava* e o ambiente era mais preservado, entende? Depois, a carne passou a ser embrulhada num plástico antes do papel. Quando o pai chegou com essa novidade disse que, na cidade, todo mundo tava falando que agora tudo ia ser assim, embrulhado em plástico por causa da higiene. Hoje, além de ser embrulhada no plástico, a carne ainda é colocada numa sacolinha de plástico. O homem preocupou tanto com sua higiene que está acabando com a higiene do planeta. (CIDA)

A água *tá* acabando, né? A gente ouve umas coisas assim. Mas, também, ninguém pensa em plantar economizando água, já viu? É um desperdício só! Nós aqui *procura* economizar o máximo que a gente pode porque sem ela a gente não sobrevive. Conseguimos comprar os canos pra irrigar com o gotejamento. Foi bom, eu acho. (JOÃO CALIXTO)

A gente procura ir trocando o lugar das plantas. Só o maracujá é que *tá* sempre no mesmo lugar. E também a gente observa o caminho do vento pra plantar as menores depois das maiores. Elas *protege*. Queimada a gente procura evitar. Existe uma grande ligação do homem que lida com a terra e a natureza. Eu, por exemplo, gosto de ficar aqui, misturado com a poeira e tenho o maior carinho com a terra. Os tempos têm mudado. Antigamente a gente não usava esse tanto de veneno pra matar as pragas e também não

aparecida tanto inseto devorador de planta como hoje, né? Hoje a gente mata uma praga e aparece outra mais forte e eles têm que inventar um veneno mais forte, e assim vai. A pessoa que nasce na roça vê as plantas nascendo lá debaixo da terra, entende como funciona o mecanismo da natureza. Já as *pessoa* da cidade *conhece* as coisas da natureza pelos livros. Pra nós, a gente tem que conhecer as coisas mais pelos olhos, pela mão, já vocês da cidade *estuda* as coisas antes de conhecer de perto, no mato. Eu acho que as pessoas são mais felizes no mato; na cidade é tudo muito preso, o mundo é sufocante, as pessoas da cidade acham que tudo tem que ser rápido, mas não é assim que as coisas funcionam. (Sr. TENÓRIO).

Apesar de demonstrarem grande lucidez quanto à mudança que suas vidas foram sofrendo ao longo de todos estes anos que em viveram as mais diversas situações, indo de um lugar para outro, ou mudando de fazenda em fazenda com a família, até chegarem ao momento atual, os associados se entristecem quando percebem que também foram, em alguns aspectos, tocados pela modernidade, perdendo características que traziam de seus antepassados. Acompanhando seu dia-a-dia, sabemos que, mesmo assim, são uma comunidade de resistentes, de guerreiros que travam uma batalha a cada novo dia, em busca da sobrevivência material, sem abrir mão da alegria de viver, fruto da visão de mundo deixada por esses antepassados.

A Associação Nova Esperança não é o que se poderia chamar de uma *propriedade tradicional*, cuja produção é conseguida por métodos exclusivamente manuais, ou através de animais, com técnicas rudimentares e, muitas vezes, sementes próprias, defensivos muitas vezes retirados da própria natureza, critérios que não permitem uma produção para comercialização. Também não se encaixa na categoria de propriedade que pratica exclusivamente a *agroecologia*, pois, para isso, teria que ter acesso a equipamentos e técnicas específicas, além de um acesso privilegiado a informações e assistência, direcionadas a ela. Da mesma forma, não pratica o *sistema agroflorestal*, em que a prática da agricultura se alia à dinâmica natural da mata.

Estes três caminhos para a produção, são, sem dúvida, os menos degradadores do ambiente natural. Porém, se, por um lado, inviabilizam a comercialização de produtos numa quantidade suficiente para a sobrevivência das famílias e, ao mesmo tempo, para o pagamento do Banco da Terra, por outro, com exceção do sistema tradicional, “ainda são paradigmas em construção (ou re-construção?), com base numa grande multiplicidade de práticas produtivas, de ecossistemas e de estratégias diversificadas de sobrevivência econômica, ou seja, são caminhos que estão sendo abertos pela coragem de muitos em experimentar o êxito e o fracasso, risco que os

agricultores familiares não podem correr. Além disso, estes caminhos, em nossa opinião, só acontecerão de forma plena, quando houver uma grande discussão a respeito das bases históricas, culturais e econômicas sobre as quais foi estruturada a agricultura moderna.